

## Saúde do Trabalhador como Direito Humano? Precisamos dizer o óbvio?

Isis Ferraz de Moura

[Portelense. Discente do PPGSS/UERJ.  
Mestre em Educação Profissional em Saúde]

Há um mês aconteceu o 2º Simpósio Brasileiro de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (2º Simbrastt) em Salvador/BA. Interagi pelo formato virtual, modalidade que propiciou a minha participação, mas que não substitui a troca presencial. Não nos acostumemos com o remoto, por favor! Na mesa de abertura o professor Fadel (de Vasconcellos) tratou do tema “Saúde do Trabalhador como direito humano”. Após a palestra, começo a refletir diante de tantas informações. No meu caso “buguei” mesmo. Espera aí, ele está defendendo o óbvio? Fui lá no *WhatsApp* do nosso grupo de estudos semanais e tentei organizar minhas ideias em forma de perguntas. Doce ilusão, nem eu sabia o que queria perguntar.

Talvez as minhas dúvidas sejam porque o óbvio não é tão óbvio. As conquistas de direitos da classe trabalhadora sempre foram às custas de muito debate e de muitas lutas organizadas e coletivas. Todavia, são “conquistas” implementadas pelo Estado burguês, direitos trabalhistas feitos pelos donos do poder e direito à saúde que caminha, hoje, de mãos dadas com a “liberdade do mercado”. Questiono, então, como pensar na perspectiva de saúde dos trabalhadores e dos direitos humanos sem transformar o mundo do trabalho? Direitos que, por vezes, se transmutam em serviços só acessados por quem pode pagar. Como ficam os trabalhadores de plataforma, por exemplo, quando sofrem acidentes de trabalho? Como garantir o direito à saúde e à vida para um trabalhador precarizado? Depois de alguns dias refletindo acredito que entendi o que o professor queria levar para o debate. Ao defender cinco questões, a fim de atualizar a questão saúde dos trabalhadores nos dias de hoje, o professor (Vasconcellos, 2022) resumiu assim: 1. *superação da insuficiência do direito posto*; 2. *ampliação da representação simbólica*; 3. *inclusão da saúde do trabalhador como direito humano na pauta de luta interseccional e intercultural dos movimentos sociais*; 4. *migração do ‘campo’ da Saúde do Trabalhador para a ‘questão’ da saúde dos trabalhadores (Souza, 2019)*; e 5. *categoriação jurídica do tema*.

Confesso que estes pontos ainda merecem o meu estudo, mas comecei a entender sua proposta considerando o caráter voltado para ação.

Ao assumir a defesa da saúde dos trabalhadores como direito humano, o professor propõe uma nova visão para as lutas. Um debate necessário para amadurecermos o tempo presente entre nós, trabalhadores e trabalhadoras, mas que considero fundamental que se dê, contudo, sem a perda da referência da centralidade do trabalho e, portanto, do reconhecimento destas lutas como lutas de classes. Debateremos um pouco, no nosso grupo de estudos, logo após o 2º Simbrastt, mas confesso que quero maior aprofundamento e estudos sobre o tema. Até para levar para os coletivos dos quais faço parte. E, para minha felicidade, nosso grupo optou por começar a debater cada eixo descrito anteriormente.

Contudo, pondero também sobre a necessidade das pausas ... pausas também para refletir sobre as questões e para ganhar forças.

E, de fato, estamos próximos dos últimos dias de 2022 - respiro, descanso e confraternização são importantes. O próximo ano nos aguarda e eu quero o vigor para amadurecer as reflexões e organizar a agenda para o primeiro semestre. Meu corpo pede descanso. Primeiro semestre? Está muito em cima? Está, mas nos atentemos que ganhamos as eleições e as lutas frente a tantas contrarreformas que atingem os trabalhadores são urgentes! Enquanto isso, fico com a minha inspiração-militante que vem, neste momento, da recordação do samba através da letra do hino oficial da minha coirmã Beija-Flor:

*“Ô abram alas ao cordão dos excluídos  
Que vão à luta e matam seus dragões  
Além dos carnavais, o samba é que me faz  
Subversivo Beija-Flor das multidões”*

(Piso *et. al.*, 2022)

Como pesquisadora-militante apaixonada pela área logo questiono: quem disse que o descanso não é cuidar da saúde dos trabalhadores? Ao me ver envolvida na lógica do produtivismo, fazendo várias coisas ao mesmo tempo e me cobrando para cumpri-las me vem a pergunta: que tipo de pesquisadoras(es) nós somos? Desconstruir a forma como se dá nossa inserção em processos de trabalho deveria, também, fazer parte da reflexão de todas(os) nós pesquisadoras(es). É importante uma pausa nos afazeres. Nosso corpo e nossa mente pedem socorro. O descanso possibilita o encontro com a família, brincar com os sobrinhos, confraternizar no final de ano. O processo de descanso, de lazer, de celebração que nos é retirado sutilmente é reforçado em uma das lógicas do sistema que é roubar nossa subjetividade. Por isso quero desejar a todas/os que se permitam descansar! É descansar mesmo! Descansar nos traz inspirações para a vida e para a luta por uma sociedade mais justa. Descansar nos permite sonhar e ter esperança. Deixo a lembrança da música do poeta Gonzaguinha, *Guerreiro menino (Um homem também chora)* (Gonzaguinha, 1983) na qual nos lembra que precisamos de um descanso, de um remanso, de um sono que nos tornem refeitos!

**Boas festas e Feliz 2023!**

■ ■ ■

#### Referências:

- Piso, L.; Nega, B.; Manolo; Oliveira, D.; Assis, J.; Rosa, D. *Brava Gente! O Grito dos Excluídos no Bicentenário da Independência. Samba-Enredo 2023*. G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis/RJ, 2022.
- Souza, D.O. *Saúde do(s) trabalhador(es): análise ontológica da “questão” e do “campo”*. Maceió: Edufal, 2019.
- Vasconcellos, L. C. F. *Saúde do Trabalhador como direito humano*. In: 2º. *Simpósio Brasileiro de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora* – 2º. Simbrastt. ABRASCO- Associação Brasileira de Saúde Coletiva. GT Saúde do Trabalhador. Salvador/BA, 19-20/11/2022. [informação verbal – conferência em painel].

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.